

A NECESSIDADE DO CONHECIMENTO FILOSÓFICO PARA A FORMAÇÃO HUMANA

THE KNOWLEDGE OF PHILOSOPHICAL NECESSITY FOR HUMAN TRAINING

*José Aparecido de Oliveira Lima¹
Elizabete Amorim de Almeida Melo²
Anderson de Alencar Menezes³*

Resumo: As características humanas fazem com que o homem dependa da natureza, daquilo que ela oferece para satisfazer suas necessidades. Dentre os elementos de que se utiliza está a matéria-prima para construir, os frutos para a sua alimentação, a terra para plantar, a água para beber, além de outros recursos naturais que o indivíduo retira da natureza e transforma conforme a sua necessidade. Entretanto, o homem não é apenas natureza. Ele tem a necessidade de obter/criar conhecimentos. Assim, a criatura humana busca, a partir da relação que estabelece com a natureza e do uso que dela faz se diferenciar de outros seres vivos. Em meio a isso, ela cria e produz saberes e conhecimentos. Fruto dessa necessidade surge a Filosofia. Nesse sentido, a Filosofia mostra-se também como parte da natureza humana e de suas necessidades para seu desenvolvimento intelectual e social, aperfeiçoando-se historicamente, de acordo com a história do próprio homem. Contudo, para que possamos conhecer o mundo, devemos viver incessantemente em meio às transformações da natureza, fazendo com que o conhecimento filosófico sobre o mundo se desenvolva. Com a Filosofia, o homem busca sentido. Assim, busca viver de forma filosófica no meio social, pessoal, político, econômico; ou seja, num contexto histórico, ele cria e vive a história da Filosofia. Nessa perspectiva, indagamos: como aprender a fazer Filosofia? Como aprendemos a filosofar? Para que serve o conhecimento filosófico?

Palavras-Chave: História da Filosofia. Pensamento Filosófico. Filosofar.

Abstract: Human characteristics are such that, in part, depend on the nature of man, what it offers to meet the needs of the human species, is the raw material to build the fruits for food, land for farming, water for drinking, among other natural resources that the individual withdraws from nature and transforms it according to your needs. Thus man is not only nature. He has the need to obtain / create knowledge. Thus, this human creature search, from the relationship established with the nature and the use made of it, to differentiate themselves from other living beings. In the process, he creates and produces knowledge and knowledge among them arises Philosophy. In this sense, the philosophy also shows up as part of human nature and its needs for their intellectual and social development, perfecting itself historically, according to the story of the man himself. However, that we may attain to the knowledge of the world we live unceasingly through the transformation of nature and, therefore, man develops philosophical knowledge about the world, among other types. With philosophy, man seeks sense. Thus seeks to live philosophically in social, personal, political, economic; ie, in a historical context, it creates and lives the history of philosophy. In this perspective, we ask:

¹Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL. Aluno Especial de Mestrado em Educação – CEDU/UFAL. GP: Filosofia e Educação/Ensino de Filosofia. E-mail: aparecido.filosofia@gmail.com

²Doutoranda em Educação Pelo CEDU/UFAL. Licenciada e Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas. Orientadora do presente artigo. Atualmente é Professora da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: elizabete.amorim@yahoo.com.br

³Doutor em Ciências da Educação pela Universidade do Porto/Portugal. Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco e Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco. Orientador do presente artigo. Atualmente é Professor da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: alencarsdb@bol.com.br

how to learn to do philosophy? How to learn to philosophize? What is the philosophical knowledge?

Keywords: History of Philosophy. Philosophical Thought. Philosophizing.

1. Introdução

“A filosofia é um saber que nasce, se estrutura e se desenvolve, fundamentalmente, na e pela pergunta. O que é? Como é? Por quê? São, por exemplos, perguntas que se encontram na origem da atitude filosófica” (SOFISTE, 2007, p. 7).

Nesse sentido, toda problematização acerca do conhecimento e do mundo tem como meio de solução a própria história. Com isso, aprendemos filosofia através da história da filosofia, buscamos o conhecimento através dos questionamentos históricos sobre o mundo e, principalmente, sobre a realidade em que vivemos.

Desta forma, refletir sobre a realidade é essencial para o ser humano obter conhecimento, assim como irão afirmar Sergio Lessa e Ivo Tonet (2008, p. 50):

Em resumo, a consciência deve refletir a realidade para ser capaz de produzir um conhecimento adequado. Por isso, ao investigar a realidade, é da máxima importância que a consciência possa construir uma ideia que reflita o real do modo mais fiel possível.

Assim, a necessidade de investigação do real conduz o indivíduo ao conhecimento, ao mesmo tempo em que o mesmo problematiza o meio em que vive e questiona a realidade que é imposta a ele. Nisso se evidencia a importância de se buscar o conhecimento através da problematização, e assim, fica claro a importância da Filosofia em favor da transformação do homem, como colocam Cipriano Luckesi e Elizete Passos (2004, p. 13):

No cotidiano, o conhecimento parece ser alguma coisa tão corriqueira que nós não nos perguntamos pelo que ele é, pelo seu processo, pela sua origem, pela sua forma de apropriação. Aos poucos, ao longo de nossa infância, adolescência, juventude, vamos adquirindo entendimentos das coisas que compõem o mundo que nos cerca, das relações com as pessoas, das normas morais e sociais que regem as relações entre os seres humanos. Nós, por isso, nos acostumamos a esses entendimentos, a partir do momento em que fomos adquirindo-os espontaneamente. Com eles e a partir deles, conversamos, discutimos, temos certezas e dúvidas, formulamos juízos. Contudo,

quase nunca, exceção feita aos especialistas, nos perguntamos sobre o que é o conhecimento, seu significado, origem. Habituo-nos a utilizar o entendimento, por isso não o problematizamos.

Esta capacidade de ultrapassar as determinações e de buscar o novo pode estar adormecida, mais é específico do ser humano e existe sempre nele, pois, é isso que o distingue dos demais animais.

A transmissão de experiências ou os conhecimentos adquiridos por meio da relação homem-natureza, obtida pelo homem problematizador do mundo em que vive, dá ênfase a busca do novo.

É a atuação do homem sobre a natureza e vice-versa, de forma dialética, que vai gerando novas problematizações e, conseqüentemente, produz novos conhecimentos necessários ao ser humano, assim como afirmam Sergio Lessa e Ivo Tonet (2008, p. 18):

Vamos imaginar que alguém tenha a necessidade de quebrar um coco. Para atingir esse objetivo, há várias alternativas possíveis: pode jogar o coco no chão, pode construir um machado, pode queimá-lo e assim por diante. Para escolher entre as alternativas, deve imaginar o resultado de cada uma, ou, em outras palavras, deve antecipar na consciência o resultado provável de cada alternativa. Essa antecipação na consciência do resultado provável de cada alternativa possibilita às pessoas escolherem aquela que avaliam como a melhor. Escolha feita, o indivíduo leva-a a prática, ou seja, objetiva a alternativa. Vamos imaginar que a alternativa escolhida para quebrar o coco seja a de construir um machado. Ao construí-lo, o indivíduo transformou a natureza, pois o machado era algo que não existia antes. Isso é da maior importância, uma vez que toda objetivação é uma transformação da realidade.

O questionamento do homem diante da realidade e em busca de conhecimento, o diferencia não só dos animais, mas também um homem do outro.

Nesse processo, também se definem comportamentos, regras, leis e padrões que caracterizam cada grupo social, acordos que são estabelecidos socialmente, com o mundo e o conhecimento que o envolve, muitas vezes sem ao menos serem questionados por aqueles que vivem submetidos àquela cultura.

Contudo, é dessa capacidade de questionar, criticar e pensar o mundo, atribuindo significados à realidade, que é permitido ao homem criar o conhecimento, nisto irão afirmar Cipriano Luckesi e Elizete Passos (2004, p. 19):

Ele se constrói por meio de longa busca, por meio de esforço de desvendamento. A elucidação do mundo exterior exige imaginação investida, busca disciplinada e metodológica, tendo em vista captar os meandros do real.

Para obter conhecimento, é importante entender que, os fatos que o cerca (o homem), são imprescindíveis para a sua formação histórica. Pois, o conhecimento é uma construção que se vai desenvolvendo e se complexificando. Ele tem um caráter evolutivo e dialético.

Nesse sentido, a filosofia, enquanto uma área do conhecimento humano vai abordar o conhecimento figurando/interpretando o mundo real. Assim, o conhecimento filosófico passa a ser uma resposta em busca das verdades que fazem parte do mundo em que vivemos, pois, como afirma Hegel (1999, p. 394), “a filosofia tem a tarefa de captar, pensando e compreendendo, a verdade”.

A busca incessante pelo saber, pela verdade das coisas, pela investigação do novo ou pelo que é visto na sociedade atual como banal, pode remeter o homem investigador a obter respostas jamais pensadas, mas que é incessantemente buscada; isso faz parte do ser humano ao longo do tempo, ao longo da vida, ao longo da história.

Nesse contexto, através do conhecimento filosófico, filosofamos, e filosofar é questionar, é duvidar é ter curiosidades. Enfim, o conhecimento filosófico é uma ponte para o desvelamento da realidade em que vivemos. É um ato de desocultamento da realidade, pois a Filosofia procura descortinar a realidade do real. É também um ato de assombro, pois a todo instante ela nos leva ao inusitado, a novos horizontes e possibilidades.

2. O conhecimento filosófico na história: os primeiros filósofos

O conhecimento filosófico teve início em torno dos anos 500 a.C. A busca pela verdade, em comunhão com o conhecimento investigativo, se deu através da necessidade de complementar o Conhecimento Mítico, que era a forma de conhecimento utilizada pelos antigos gregos.

Segundo Chauí (1999), o conhecimento mítico era uma forma narrativa da realidade, uma intuição compreensiva para desvelar a natureza através dos mitos. Os primeiros filósofos, na busca de desvendar o mundo em que viviam, procuravam no conhecimento das coisas, através das intuições de seres naturais e sobrenaturais, que de certa forma fosse uma premissa para solucionar questionamentos da época. Nesta

perspectiva, o conhecimento mítico se dava através dos contos sobre deuses que eram seres perfeitos, imortais e dotados de poderes incríveis e semideuses, que eram seres superiores aos homens e de poder inferior aos deuses, além desses seres imaginários, o mito contava com uma bela linguagem surreal.

No longo caminho de passagem do conhecimento mítico para o conhecimento do mundo através da natureza, a explicação racional do mundo passa a ser a característica fundante do novo tipo de saber – o filosófico. Como afirma o pensador Benedito Nunes (1989, p. 7):

No século VI a.C. os primeiros filósofos gregos preocupavam-se em conhecer os elementos constitutivos das coisas. Eles investigaram a Natureza, à busca de um princípio estável, comum a todos os seres, que explicasse a sua origem e as suas transformações. Físicos (physiologoi), como foram chamados por Aristóteles, esses primeiros filósofos, de Tales a Anaxímenes, fundaram uma tradição de estudo da Natureza, seguida e aprofundada por Heráclito e Parmênides, Pitágoras e Empédocles, Anaxágoras e Demócrito.

Assim, com o passar do tempo, os filósofos pré-socráticos, ultrapassando a explicação mítica, buscavam o conhecimento através da razão. Para estes filósofos pré-socráticos, o conhecimento se dava através da natureza, ou seja, os filósofos buscavam o conhecimento a partir de uma minuciosa investigação racional em torno do mundo que lhes rodeavam. A tentativa era de conceber a natureza (Physis) a partir de uma ideia cosmológica. Na ideia de Physis procurava-se o elemento essencial para pensar a relação entre logos e cosmos. A ideia de um princípio universal que regesse o Universo.

Para Tales de Mileto (640-548 a.C), filósofo, astrônomo e matemático, a água como espécie em maior quantidade no mundo, seria o princípio da existência de todas as coisas. Assim como veremos numa doxografia de Aristóteles, segundo Gerd Bornheim (1998, p. 23):

A maior parte dos filósofos antigos concebia somente princípios materiais como origem de todas as coisas [...]. Tales, o criador de semelhante filosofia, diz que a água é o princípio de todas as coisas (por esta razão afirmava também que a terra repousa sobre a água).

Para Anaxímenes (588-524 a.C), o conhecimento dava-se através do ar. O filósofo apresentava o ar como aquilo que sustém a terra e movimenta tudo. Assim como perceberemos num fragmento de Anaxímenes, segundo Gerd Bornheim (1998):

“Como nossa alma, que é ar, nos governa e sustém, assim também o sopro e o ar abraçam todo o cosmos” (BORNHEIM, 1998, p. 28).

Anaximandro (640-547 a.C), apresentava o conhecimento como uma matéria indeterminada e ilimitada, chamada de **apeiron**. “Tudo ou é princípio ou procede de um princípio; ora, não há princípio do ilimitado, pois se tivesse seria limitado [...] é a divindade: imortal e imperecível [...] é totalmente responsável pela gênese e pela dissolução do universo [...]” (BORNHEIM, 1998, p. 25-26).

Para Heráclito (540-480 a.C), o conhecimento é o fluir das coisas, pois o mundo estar em contínua mudança. O filósofo colocava o ‘logos’ como um ‘fogo eterno’ de onde todas as coisas se originavam:

O fogo é um elemento e tudo se faz pelas transformações do fogo, quer por rarefação, quer por condensação. [...] e que o todo flui como um rio. [...] O Universo, segundo ele, é limitado, e há um cosmo, nascido do fogo e que voltará ao fogo após certos períodos, eternamente. (BORNHEIM, 1998, p. 44).

Para Parmênides (540-450 a.C), o conhecimento estava no ‘Ser’: “Necessário é dizer e pensar que só o ser é; pois o ser é, e o nada, ao contrário, nada é: afirmação que bem deves considerar”. (BORNHEIM, 1998, p. 55). Para ele, todas as coisas tinham a sua essência, pois o ‘ser é’ e o ‘não-ser’ não pode existir.

A partir de Parmênides, o conhecimento filosófico ganhou outros caminhos, como por exemplo, o conhecimento a partir da metafísica.

De acordo com o pensamento de Hegel (1999, p. 457): “A filosofia antiga pensou a Ideia absoluta, e a realização ou realidade dela consistiu em compreender o mundo atualmente presente e considerado como é em si e por si”.

Entretanto, eles vislumbravam aspectos como, por exemplo, a observação e a experimentação, figuradas como conhecimentos de compreensão da realidade que os cercavam.

Adentrar na história caracteriza tanto a formação do processo de desenvolvimento do conhecimento dos povos antigos, como também fundamenta a formação humanista destes mesmos povos ao longo do tempo.

Isso faz parte do pensamento de Hegel ao afirmar que: “À primeira vista, a história compreende, na sua tarefa, a narração de acontecimentos acidentais dos tempos, dos povos e dos indivíduos, contingentes tanto no que se refere ao desenrolar dos mesmos no tempo como também ao seu conteúdo” (HEGEL, 1999, p. 389).

O conhecimento filosófico acerca do mundo, através de uma explicação racional em torno da natureza, era uma tarefa difícil, mas descobridora e reveladora, essencial para o desenvolvimento humano na história.

Portanto, podemos verificar que, através do conhecimento produzido (construído) historicamente, a sociedade poderá dar passos gigantescos ou mínimos, transformar e se transformar, no tempo e através do tempo.

3. O conhecimento filosófico na história: Idade Antiga

Em meio à antiguidade, passado o tempo dos pré-socráticos, a busca do conhecimento filosófico permeava entre os grandes filósofos, através de Sócrates (469-399 a.C.), Platão (428-7 a 347-8 a.C) e Aristóteles (384-322 a.C), como exemplos de alguns pensadores da antiguidade grega.

O fundamental é perceber a passagem de um paradigma fundado na *Physis* (natureza) para um paradigma fundado no *antropos* (homem). Ou seja, a percepção de que a preocupação socrática, platônica e aristotélica é com a relação entre antropologia e logos. É a busca “racional” pela compreensão de uma concepção antropológica que está se inaugurando. Portanto, do ponto de vista epistemológico e da teoria do conhecimento, passa-se de uma relação em que o sujeito não se compreendia como “Subjetividade”, pois se confundia com a natureza, para uma percepção maior da Subjetividade enquanto antropologia.

Os filósofos antigos utilizaram e produziram o conhecimento filosófico, buscando o sentido para a vida e o mundo a partir do espanto que tinham acerca da realidade em que viviam. O questionamento na Idade Antiga entre os filósofos se mostrava necessário para a obtenção do conhecimento, pois, segundo Evandro Ghedin (2008, p. 55): “A Filosofia é a atividade teórica de reflexão e de crítica de problemas apresentados pela realidade, e esses problemas refletem necessidades e exigências de uma época e de uma realidade”. Para Sócrates, conhecer é saber que nada sabe. Noutras palavras, “É muito possível que qualquer de nós nada saiba de belo nem de bom [...] ao passo que eu nem sei nem julgo saber. Parece-me, pois, que sou algo mais sábio [...] na precisa medida em que não julgo saber aquilo que ignoro” (PLATÃO, 1972, p. 72).

Sócrates buscava a verdade se utilizando do conhecimento filosófico; mostrava que o indivíduo só conhece a partir, primeiramente, da ignorância, ou seja, o indivíduo passa a ter a ideia de que “o verdadeiro saber consiste em saber que não se sabe”

(PLATÃO, 1999, p. 73); para Sócrates, é a partir deste estado desprovido de conhecimentos, que se obtém conhecimento.

Sócrates falava muito bem, de forma clara e concisa. A ironia, a dialética ou o processo que se dava através de um diálogo que envolvia perguntas e respostas, eram vistos em meio à retórica que Sócrates utilizava para obter o conhecimento das coisas.

Por sua vez, Platão como discípulo de Sócrates, falava da importância do filosofar no processo do conhecimento do mundo inteligível, numa ideia subjacente que eram perfeitas e imutáveis, assim como veremos num trecho da República de Platão, Livro VII:

Quanto a mim, tal é minha opinião: no mundo inteligível, a ideia do bem é percebida por último e a custo, mas não se pode percebê-la sem concluir que é a causa de tudo quanto há de direito e belo em todas as coisas; que ela engendrou, no mundo visível, a luz e o soberano da luz; que, no mundo inteligível, ela própria é soberana e dispensa a verdade e a inteligência; e que é preciso vê-la para conduzir-se com sabedoria na vida particular e na vida pública. (PLATÃO, 1965, p. 109).

Desta forma, para Platão, é imensuravelmente importante, aprimorar o exercício da consciência e buscar se desprender dos prazeres do mundo sensível, para assim, contemplar o conhecimento das coisas perfeitas e verdadeiras. Platão fala de um conhecimento que se aproxima das ‘essências verdadeiras’, ou seja, a filosofia.

Em sua obra *A República*, Platão buscou esboçar a educação de um indivíduo dotado de conhecimento e capaz de governar a cidade ideal, ou seja, o filósofo. Para Platão, o homem nasce com dons, que em meio ao passar do tempo, com uma boa educação, se tornará um bom filósofo e fará grandes bens.

A educação é, portanto, a arte que se propõe este fim, a conversão da alma, e que procura os meios mais fáceis e mais eficazes de operá-la; ela não consiste em dar a vista ao órgão da alma, pois que este já possui; mas como ele está mal disposto e não olha para onde deveria, a educação se esforça por leva-lo à boa direção (PLATÃO, 1965, p. 111).

Um indivíduo em meio à educação era visto por Platão, como meio essencial e necessário para que se tornasse um homem virtuoso, que busca contemplar o bem, o belo e o justo.

Aristóteles, outro filósofo importante da antiguidade, afastou-se das ideias de seu mestre Platão, pois não concordava com a ideia de dois mundos existentes: o mundo sensível, que era palpável e compreendido através dos sentidos; e o mundo Inteligível, perfeito e imutável.

Como vai afirmar Hegel (1999, p. 457): “Com Aristóteles surge o conceito, livre, sem prejuízos, como pensamento compreendente que percorre e espiritualiza todas as formações do universo”.

Aristóteles, “Desejava compreender o mundo a partir do próprio mundo [...] Aristóteles quis compreender o mundo externo ao sujeito a partir do percebido, ou seja, a partir do próprio mundo sensível” (LUCKESI & PASSOS, 2004, p. 144). Para Aristóteles, existiria apenas um mundo, o mundo em que vivemos, ou seja, o homem passa a conhecer o mundo real, para conseguinte, conhecer suas ‘características essenciais’. Este mundo real em Aristóteles, segundo Giovanni Reale (1992, p. 549) é composto por ‘matéria’, ‘natureza das coisas’ e ‘forma’.

[...] uma é a matéria, que é algo determinado só aparentemente (de fato, tudo o que é por contato e não por íntima união natural é matéria e substrato); outra é a natureza das coisas, que é algo determinado, e é um estado determinado que constitui o fim da geração; a terceira é a que deriva da união dessas duas, ou seja, o indivíduo.

Aquilo que em Platão estava caracterizado no Mundo das Ideias, em Aristóteles se faz presente no próprio indivíduo. O conhecimento das coisas em Aristóteles pode ser concebido no indivíduo, da mesma forma universal e partindo do particular, porém, no próprio mundo real e não mais no mundo das ideias, como afirmava Platão, isso através do intelecto e das experiências sensíveis.

A partir de Aristóteles, o homem prudente busca o conhecimento das coisas universais, tendo em vista, a temperança e a verdade. Noutras palavras, o indivíduo vive no anseio de se tornar virtuoso e de poder conhecer o bem, ou seja, segundo Aristóteles a virtude “é uma mediedade [...] e o bem, é um ápice” (ZINGANO, 2008, p. 51).

O conhecimento na idade antiga marcou a busca por uma ‘Verdade’, por um ‘Ser’ ou ‘Ideia’ que justificasse o mundo e todas as coisas, mas de forma antropológica. Assim, toda a problematização e investigação existente em cada período, adentram na importante busca do conhecimento e do exercício do filosofar, contribuindo para o crescimento do indivíduo, e conseqüentemente, para a formação de um povo.

4. O conhecimento filosófico na história: Idade Medieval

A percepção Medieval da Filosofia está centrada na preocupação com a relação entre Filosofia e Teologia (Fides et Razio). Ou seja, o diálogo entre Fé e Razão. De certo modo, a ideia axiomática de que “Philosophia ancilla Theologiae” (Filosofia serve da Teologia) vai perpassar uma nova compreensão do mundo do conhecimento. Mas, esta não é uma ideia unívoca, ela é muito “relativa” para o todo da compreensão medieval. Pois, Tomás de Aquino (Séc. XIII) seguindo as intuições aristotélicas atribui à razão um papel preponderante na busca da verdade e do conhecimento.

Na idade média, viveu-se o período denominado de teocentrismo (vida centrada em Deus), ou seja, a vida e o mundo eram vistos apenas com base nos princípios religiosos, onde ‘Deus é o centro’.

Reconheciam os medievais que a razão humana pode descobrir muita coisa, pode pesquisar, raciocinar, inventar. Mas existem verdades supremas que a razão não chega a conhecer, pensavam eles. Essas Deus revelou. Estão na Bíblia. A Igreja conhece essas verdades, as prega, as conserva. As autoridades da Igreja zelam pela conservação das mesmas. Nunca uma verdade descoberta pela razão pode opor-se às verdades reveladas. Toda a cultura medieval aceitava a supremacia da revelação e da fé sobre a razão (LARA, 1986, p. 25).

Conforme expõe a citação, absolutamente tudo na Idade Medieval era regido pela força divina, que dominava toda a sociedade e condicionava o pensamento humano a uma cultura restrita, monopolizada pela Igreja.

No período Medieval, os pensadores buscavam o conhecimento das coisas, assim como os pensadores antigos, no entanto, agora com base na revelação religiosa que era eminente na época. Nesse período, os filósofos que mais se destacaram foram Agostinho (354-430), no primeiro período medieval através da Patrística e Tomás de Aquino (1227-1274), no segundo período medieval, conhecida como Baixa Idade Média, com a Escolástica.

Em meio ao conhecimento filosófico, procuraram fundamentos para a sustentação da fé cristã. “Agostinho encontrou em Platão e Tomás de Aquino, em Aristóteles, elementos da razão que pudessem auxiliar a compreensão “racional” da fé religiosa” (LUCKESI & PASSOS, 2004, p. 162).

Santo Agostinho, ou somente, Agostinho, mesmo tendo como base a fé cristã, buscou através do conhecimento filosófico dá sentido a existência do homem e um

significado para a vida humana, é claro, sem se distanciar dos moldes da Igreja, pois, “O primeiro problema filosófico [...] logo após a conversão, foi o dos fundamentos do conhecimento, para o qual necessitava urgentemente de uma resposta racional” (AGOSTINHO, 1980, p. 18).

Para Agostinho, o homem deixa de ser o centro, que passa a ser Deus, criador de todas as coisas. No entanto, o homem passa a ser ambiente de morada desse Deus. Com isso, o homem ao investigar e conhecer as coisas passa a conhecer também Deus. Assim como vai afirmar Agostinho (2004, p. 38): “[...] não existiria, meu Deus, de modo nenhum existiria, se não estivésseis em mim. Ou antes, existiria eu se não estivesse em Vós. ‘de quem, por quem e em quem todas as coisas subsistem’”.

Nesse contexto, Agostinho passará a afirmar que estando Deus dentro de cada um, assim também, estará a verdade em cada um. Necessitaria agora, apenas, meditar e entrar em comunhão consigo mesmo.

Em Agostinho, o conhecimento é Deus. E ainda mais, ele afirmará que ‘Deus é o Ser’. Diante disso, o ‘Ser’ que encontramos em Parmênides e Aristóteles, o ‘Fogo’ ou ‘Logos’ de Heráclito e o ser perfeito e inteligível de Platão, que antes não tinha formato ou descrição, agora em Agostinho se verifica nome e endereço.

Noutras palavras, Agostinho se utiliza do conhecimento filosófico para sustentar a ideia da Igreja, da Fé e de Deus em meio ao homem. Fortifica a ideia de verdade, liberdade e, principalmente, com relação à alma, pois, se em Platão a alma é ‘prisioneira do corpo’, em Agostinho, a alma que se distancia do mundo tende a viver para Deus. Sobre isto nos diz Agostinho (2004, p. 398), “Mas a alma viva (a alma cristã) recebeu a sua origem da terra, porque só aos fiéis e meritório refrearem-se no amor a este mundo, para que a alma deles viva para Vós”.

Evidencia-se, portanto, que enquanto o conhecimento de Agostinho mostrava traços sentimentais e agia a partir da devoção de um coração cristão, São Tomás de Aquino, que também era religioso e padre, agia de forma mais racional. Por isso que, “em Agostinho, importa ‘crer, para entender’ e em Tomás de Aquino, importa ‘entender, para crer’” (LUCKESI & PASSOS, 2004, p. 172).

Tomás de Aquino se utilizou de Aristóteles para sustentar todo o seu conhecimento racional acerca dos problemas da época. Prestou-se do conhecimento filosófico para fundamentar as questões relacionadas, entre ‘razão e fé’; entre ‘ente e essência’.

Para quem reflete, torna-se claro que as realidades sensíveis em si mesmas, que fornecem à razão humana a fonte do conhecimento, conservam nelas um certo vestígio de semelhança com Deus, embora se trate de um vestígio imperfeito que é incapaz de exprimir a substância de Deus. Todo efeito possui, a seu modo, uma certa semelhança com a sua causa [...] No que concerne ao conhecimento da verdade de fé [...] a razão humana se comporta de tal maneira, que é capaz de recolher a seu favor certas verossimilhanças (AQUINO, 2004, p. 145).

Tomás de Aquino tomou por parte da filosofia, a investigação quanto ao problema, e mesmo estando em comunhão com a crença religiosa, montou um suporte teórico para sustentar e impulsionar o entendimento do mundo e da vida, na busca pela transformação do homem. Contudo, a autonomia do homem não ficaria presa à dominação da Igreja. Sobre isto nos diz Tiago Adão Lara (1986, p. 25):

[...] até mesmo a Igreja, com sua visão dominadora, sabia que o homem em meio suas investigações, buscariam novos olhares acerca do mundo, pois, [...] ao longo da Idade Média, sobretudo a partir do século XI, os eclesiásticos encontravam, num crescente contínuo, a realidade das forças leigas, que pleiteavam autonomia e originalidade.

Neste nível de consciência histórica é imprescindível concluir que, o conhecimento filosófico é composto de uma minuciosa investigação acerca daquilo que é posto como ‘verdade’, buscando sempre algo novo e essencial para o desenvolvimento do ser humano.

5. O conhecimento filosófico na história: Idade Moderna e Contemporânea

O intuito de uma percepção moderna a partir da Filosofia é a compreensão de um diálogo claro entre Filosofia e Ciência. As Regras do Método Cartesiano nos ajudam a entender que precisamos de um “método” para fazer com que o conhecimento possa ser claro e distinto. Nesta busca, Kant postula que o conhecimento tem que ser pensado a partir da relação entre tempo e espaço. Numa relação entre apriori e aposteriori. Ou seja, as condições para o conhecimento procura superar certos obscurantismos medievais e redescobre o pensamento na ordem de uma racionalidade crítica.

Descartes foi considerado o pai do racionalismo, explicado por ele, como “fonte de todo conhecimento”. Para obter um conhecimento pautado no racionalismo,

Descartes necessitou abandonar “todas as opiniões a que até então aceitaria em minha vida [...] em minha crença e começar tudo de novo desde os fundamentos, se quisesse estabelecer algo firme e constante” (DESCARTES, 2005, p. 29).

O pensamento racional de Descartes representou um afastamento do período medieval, das crenças e da verdade com base na fé e, ao mesmo tempo, foi um pensador propulsor do conhecimento que viria, ou seja, organizador de um conhecimento rigorosamente racional nos tempos modernos.

Descartes, ao questionar tudo, buscou, em primeiro lugar, duvidar dos sentidos, ou seja, começou a duvidar da audição, do olfato, da visão, do tato e do paladar, que segundo Descartes, ‘nos engana a toda hora’:

Tudo o que recebi, até presentemente, como o mais verdadeiro e seguro, aprendi-o dos sentidos ou pelos sentidos: ora, experimentei algumas vezes que esses sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou alguma vez (DESCARTES, 1983, p. 85-86).

O conhecimento cartesiano dominou o desenvolvimento da Europa e, por muito tempo, se tornou o conhecimento filosófico mais importante da época. Outros pensadores da época seguiram a mesma via de conhecimento, tais como: Espinoza (1632-1677) e Leibniz (1646-1716).

Já o filósofo John Locke, conhecido como um dos maiores influentes do empirismo tinha como ideia-base para o seu pensamento, o conhecimento compreendido pelos sentidos, ou seja, a partir de Locke, o indivíduo nasce como uma “papel em branco”, livre de qualquer experiência e que durante a vida a preenche de acordo com as suas experiências. Sobre isto nos diz:

Suponhamos, pois, que a mente é, como dissemos, um papel em branco, desprovida de todos os caracteres, sem quaisquer ideias; como ela será suprida? De onde lhe provém esse vasto estoque, que a ativa e que a ilimitada fantasia do homem pintou nela com uma variedade quase infinita? De onde apreende todos os materiais da razão e do conhecimento? A isso respondo, numa palavra, da experiência. Todo nosso conhecimento está nela fundado, e dela deriva fundamentalmente o próprio conhecimento (LOCKE, 1999, p. 57).

John Locke se utilizou do conhecimento em prol da política, sendo considerado por muitos como o pai do liberalismo político na Idade Moderna, ou seja, como vivia

em meio a uma monarquia, Locke defendia que todos os indivíduos fossem livres de pensamento e, principalmente, autônomos.

Alguns pensadores da época seguiram a mesma vertente de Locke e foram grandes idealizadores dessa concepção empirista, entre eles: Francis Bacon (1561-1626), Thomas Hobbes (1588-1679) e David Hume (1711-1776).

Por certo tempo na modernidade, o conhecimento circundava entre o empirismo e o racionalismo, que neste período específico, travavam de inúmeras controvérsias. De um lado Descartes e o uso da razão, do outro John Locke e a utilização dos sentidos. Diante disso, Kant se utilizaria do racionalismo e do empirismo para basear a sua teoria do conhecimento. Para Kant (1980, p. 23):

[...] nenhum conhecimento em nós precede a experiência, e todo o conhecimento começa com ela. Mas embora todo o nosso conhecimento comece com a experiência, nem por isso todo ele se origina justamente da experiência. Pois poderia bem acontecer que mesmo o nosso conhecimento de experiência seja um composto daquilo que recebemos por impressões e daquilo que nossa própria faculdade de conhecimento [...] fornece de si mesma. [...] Tais conhecimentos denominam-se a priori e distinguem-se dos empíricos, que possuem suas fontes a posteriori, ou seja, na experiência.

Neste âmbito, Immanuel Kant se tornará um dos maiores pensadores da história, com imensa importância para o desenvolvimento do pensamento filosófico.

Deve-se observar que para se obter uma compreensão Contemporânea de Filosofia teremos que considerar a “Linguistic Turn” a Reviravolta Linguística. Ou seja, o caráter fundamental da linguagem e da pragmática. Autores como Wittgenstein e os Teóricos da Escola de Frankfurt perceberam o sentido de uma perspectiva filosófica centrada na relação entre Razão e Linguagem.

Sobretudo, Habermas que compreende a linguagem como ação linguística do ator social mergulhado na Esfera Pública.

Diante desse contexto, a Idade Contemporânea tem o seu marco na Revolução Francesa. Esse tempo é caracterizado pelo fim dos tempos modernos e do feudalismo e início dos tempos contemporâneos e do capitalismo.

De certa forma, com a guerra nos tempos pós-modernos, a busca pelo conhecimento ganhara outros ares, pois, agora não importava a “essência das coisas” ou o “sentido da vida”, mas, apenas sobreviver, sem preocupação pelo saber. Segundo, Luckesi e Passos (2004, p. 215):

No campo da filosofia e das ideias, a Primeira Guerra, ao desenvolver nos indivíduos uma postura de descrença e de falta de perspectiva diante da vida, fez com que a filosofia que se desenvolveu nesse período refletisse esse mundo de incertezas, de inseguranças e de descrenças. As pessoas, genericamente falando, passaram a temer a verdade e a vivera superficialidade da vida, sem se interessarem em conhecer a essência das coisas. Visando fugir da angústia, os homens aceitaram afirmações contraditórias, esqueceram-se da assistência divina e passaram a viver o momento, sem se preocupar com o futuro.

O conhecimento filosófico dava lugar ao apelo social e individual. O único conhecimento neste tempo é em função das ciências, com ênfase nas novas tecnologias.

Alguns pensadores se destacam na vertente filosófica da contemporaneidade, com suas ideias que norteiam o conhecimento nos tempos atuais, tais como: William James (1842-1910), John Dewey (1859-1952) e a ideia do “Pragmatismo”; Henri Bergson (1859-1941) e o “Intuicionismo” e Edmund Husserl (1859-1938), Max Scheler (1874-1928) e Martin Heidegger (1889-1976), com sua concepção da “Fenomenologia”.

Há também, Karl Marx (1818-1883) e a problematização em torno do Capital, dando início ao pensamento “Marxista”. Para Marx (1960), segundo, Habermas (2014), o conhecimento perdia espaço para o trabalho, como “condição de existência do homem, independente de todas as formas de sociedade, uma necessidade natural e eterna” (MARX *apud* HABERMAS, 2014, p. 60).

Houve ainda a ideia do “Existencialismo”, que teve como principais pensadores os filósofos Martin Heidegger (1899-1976) e Jean-Paul Sartre (1905-1980).

Outros pensadores importantes foram: Ludwig Wittgenstein (1889-1951), como o pai do positivismo lógico; além dos pensadores que integraram a escola de Frankfurt, como, Adorno (1903-1969) e Horkheimer (1895-1973).

Atualmente o filósofo alemão, Jurgen Habermas, que nasceu em 1929 e trata do conhecimento da Teoria do Agir Comunicativo, busca desenvolver o mesmo pensamento dos pensadores da escola de Frankfurt, acerca da “Teoria Crítica”, da “Educação”; como conhecimentos que buscam reconstruir o agir comunicativo do indivíduo de forma emancipadora e esclarecedora. Segundo Habermas (2014, p. 23):

Quem investiga o processo de dissolução da teoria do conhecimento, o qual deixou em seu lugar a teoria da ciência, escala as etapas abandonadas da reflexão. Trilhar novamente esse caminho em uma perspectiva voltada para trás, para o ponto de partida, pode ajudar a restituir a experiência esquecida da reflexão.

Jurgen Habermas hoje é considerado um dos grandes pensadores ainda vivo da atualidade. Percebemos que Habermas não escreveu, pontualmente acerca da educação, mas suas ideias são, impreterivelmente, bem atuais e, de certa forma, leva o indivíduo a uma reconstrução do conhecimento e do percurso trilhado acerca dos problemas da educação.

6. Considerações finais

Diante, portanto, do delineamento deste (pequeno) percurso histórico acerca do conhecimento filosófico, podemos concluir que durante toda a história e a partir da busca pelo conhecimento, toda a humanidade se transformou, pois, é em meio ao espanto em relação à realidade, que o homem, na sua história, foi impulsionado pelo conhecimento e para a busca do conhecimento.

Foi importante perceber que não acontece sempre uma nova filosofia, mas nasce sempre um novo conhecimento filosófico em meio à formação, transformação e realidade de um determinado povo e de um determinado tempo. Como vai afirmar Hegel (1999, p. 417): “A filosofia desponta num determinado momento de desenvolvimento da cultura”.

É necessário perceber a importância de se buscar/adquirir este conhecimento para dar continuidade a formação e transformação do ser humano através da história. Noutras palavras, o conhecimento filosófico não pode ficar preso ao filósofo, ao professor, à época ou a uma visão de um determinado tempo.

Nesta percepção, o conhecimento filosófico busca fazer o indivíduo percorrer um contínuo despertar da realidade em que ele vive. Como irá afirmar Hegel (1999, p. 407):

A filosofia não é sonambulismo, mas sim consciência desenvolvida, e a obra daqueles heróis consiste em ter trazido o racional em si à luz, em tê-lo arrancado à profundidade do espírito onde primitivamente se encontrava unicamente como substância, como ser interno, e em passá-lo para a consciência e para o conhecimento. Estas formas estão em contínuo despertar.

A partir deste horizonte de compreensão, somos inclinados, diante deste despertar, a reconstrução de nossos conhecimentos, ao progresso de nossos

pensamentos e a ao pleno desenvolvimento de nosso crescimento pessoal e intersubjetivo.

O conhecimento filosófico é necessário, pois acontece e faz acontecer; cria; forma; transforma e se transformar, no tempo, na história e pela história do ser humano.

Referências

- AGOSTINHO. *Confissões; De Magistro – Do mestre/Santo Agostinho*. – 2. Ed. São Paulo: Abril Cultural. 1980. Disponível em: <<<http://charlezine.com.br/wp-content/uploads/2012/10/06-Santo-Agostinho-Cole%C3%A7%C3%A3o-Os-Pensadores-1980.pdf>>>. Acessado em: 29 de Dezembro de 2014.
- _____. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultura, 2004. (Coleção Os Pensadores).
- AQUINO, T. *Seleção de textos*. São Paulo: Editora Cultura, 2004. (Coleção Os Pensadores).
- ARANHA, M; MARTINS, M. *Filosofando: Introdução à Filosofia*. São Paulo, Moderna, 2009.
- ARISTÓTELES. *Seleção de textos*. São Paulo: Editora Cultura, 2004. (Coleção Os Pensadores).
- BORNHEIM, G A. *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Editora Cultrix, 1998.
- CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1999.
- DESCARTES, R. *Meditações*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).
- _____. *Meditações Metafísicas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- GHEDIN, Evandro. *Ensino de Filosofia no Ensino Médio*. São Paulo: Cortez, 2008.
- HABERMAS, Jurgén. *Conhecimento e Interesse / Jurgén Habermas*; tradução Luiz Repa. – I. ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- _____. *Teoria do agir comunicativo: racionalidade da ação e racionalização social*. Jurgén Habermas, tradução Paulo Astor Soethe. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012.
- HEGEL, G. W. F. *Estética: a ideia e o ideal. Estética: o belo artístico ou o ideal*. Trad. Orlando Vitorino. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda, 1999. (Coleção Os Pensadores).
- KANT, I. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção os Pensadores).
- LARA, T. A. *Caminhos da Razão no Ocidente: A Filosofia Ocidental do Renascimento aos nossos dias*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- LESSA, S.; TONET, I. *Introdução à Filosofia de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- LOCKE, J. *Ensaio Acerca do Entendimento Humano*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- LUCKESI, C. *Introdução à Filosofia: aprendendo a pensar*. São Paulo: Cortez, 2004.
- MENEZES, A. *Educação e emancipação: por uma racionalidade ético-comunicativa*. Maceió: EDUFAL, 2014.
- NUNES, B. *Introdução à Filosofia da Arte*. São Paulo: Ática, 1989.
- PLATÃO. *Apologia de Sócrates – Eutífron - Críton*. Lisboa: Verbo, 1972.
- _____. *Diálogos*. São Paulo: Nova Cultura, 1999. (Coleção Os Pensadores).
- _____. *A República*. São Paulo: Nova Cultura, 1997.
- _____. *A República*. Vol. II. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.

REALE, G. *História da filosofia*. Vol. I e II. São Paulo: Loyola, 1992.
SOFISTE, J. *Sócrates e o Ensino da Filosofia*. Petrópolis: Vozes, 2007.
ZINGANO, M. Aristóteles: tratado da virtude moral; *Ethica Nicomachea I 13 - III 8*/
Marco Zingano. São Paulo: Odisseus Editora, 2008.